Anno de 1847. Sexta-feira 13 de Agosto. Anno XXIV. N. 180.

O DIARIO publica-se todos os dias, que não forem de guarda ; o preço da assignatura he de 4$000 rs. por quartel, *pagos adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos á rasão de 20 rs. por linha, 40 rs. em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagarão 80 rs. por linha, e 160 em typo differente, por cada publicação.

PHASES DA LUA NO MEZ DE AGOSTO.

Minguante, a 3, a 11 hora e 40 min. da manhãa.
Lua nova, a 10, as 10 horas e 7 min. da manhãa
Crescente, a 19, ás 2 horas e 24min. da manhãa
Lua cheia a 26, as 3 horas e 48 min. da manhãa.

PARTIDA DOS CORREIOS.

Goianna e Parahyba, ás segundas e sextas feiras.
Rio-Grande-do-Norte quintas feiras ao meio-dia.
Cabo, Serinhãem, Rio-Formoso, Porto-Calvo e Maceió, no 1.º, a 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito, a 10 e 21.
Boa-Vista e Flores, a 13 e 28.
Victoria, ás quintas feiras.
Olinda, todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira, ás 6 horas e 54 minutos da manhãa.
Segunda, ás 7 horas e 18 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

9 Segunda. S. Romão. Aud. do J. dos orphãos do J. do c. da 2 v. e do J. M. da 2 vr
10 Terça. ✻ S. Lourenço.
11 Quarta. S. Tiburcio. Aud. do J. do civ. 2 v. e do J. de paz do 2 dist. de t.
12 Quinta. S. Clara. Aud do J. de orph. e do J. municipal da 1. vara.
13 Sexta. S. Hypolito. Aud do J. do civ. da 1. v. e do J. de paz do 1. dist de t.
14 Sabbado. S. Euzebio de Loyolla. Aud. do J. do civ. da 1. v. e do J. de paz do 1 dist. de t.
15 Domingo. Assumpção de Nossa Senhora.

CAMBIOS NO DIA 12 DE AGOSTO.

Cambio sobre Londres a 27 d. p. 1$ rs. a 60 dias.
» » Paris 355 rs. por franco.
» » Lisboa 105 a 110 de premio.
Desc. de lettras de boas firmas de 3/4 a 1 % ao mez
Ouro—Onças hespanholas.... 28$500 a 29$000
» Moedas de 6$400 velh.. 16$100 a 16$200
» » de 6$400 nov.. 16$000 a 16$100
» » de 4$000 ..... 9$100 a 9$200
Prata — Patacões........ 1$950 a 1$960
» Pesos columnares... 1$900 a 1$940
» Ditos mexicanos ... 1$760 a 1$800
» Miuda............. 1$910 a 1$920
Acções da comp. do Beberibe de 50$000 rs. ao par.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

PERNAMBUCO.

JURY DO RECIFE.

6.ª SESSÃO DA TERCEIRA ORDINARIA EM 11 DE AGOSTO DE 1847. (*)

PRESIDENCIA DO SENHOR FERREIRA GOMES.

Ao meio-dia, faz-se a chamada e verifica-se estarem presentes 42 Srs. jurados.

O Sr. Juiz Presidente declara aberta a sessão e multa aos Srs. Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Candido Gonçalves da Rocha e Manoel Duarte de Faria, por não terem comparecido, nem apresentado escusa legal.

São apregoados os réos e as testemunhas.

O Sr. Juiz Presidente declara que se vai proceder ao sorteio do concelho que tem de julgar o réo João Paulo de Souza, accusado de crime de homicidio.

Concluido o sorteio, presta o concelho o juramento prescripto pela lei.

O Sr. Juiz Presidente faz ao réo o seguinte

INTERROGATORIO.

Juiz : — Como se chama ?
Réo : — João Paulo de Souza.
Juiz : — Sabe a rasão por que vem a este tribunal ?
Réo : — Sr., saberá V. S.ª, que não sei.
Juiz : — Nunca ouvio fallar da morte de Antonio José do Sacramento ?
Réo : — Nunca.
Juiz : — Conhece a José Joaquim de Sant'Anna ?
Réo : — Não, Sr.
Juiz : — Nem conhece as testemunhas que juraram no processo ?
Réo : — Não, Sr.
Juiz : — Não conheceu tambem a Pedro Leite Ferreira ?
Réo : — Não, Sr.
Juiz : — Então não conheceu a nenhuma destas pessoas ?
Réo : — Saberá V. S.ª, que não conheço nenhuma dellas.
Juiz : — Onde morava quando foi morto esse homem, Antonio José do Sacramento ?
Réo : — Em Tapugy, na freguezia do Cabo.
Juiz : — Desde que tempo morava lá ?
Réo : — Fui morar para lá desde 1832.
Juiz : — Então, diga-me, lá ouvio fallar na morte do tal Sacramento ?
Réo : — Não, Sr.
Juiz : — Então vossê não sabe quando foi que morreu esse homem, morando neste lugar ha tanto tempo, como diz ?
Réo : — Não, Sr. : eu nunca conheci a esse homem. Eu morava nessa terra, porém não fui eu que commetti esse crime ; e se estou preso foi por um falso testemunho que me levantaram, e fazem 14 mezes que eu estou gramando na cadeia por esse falso.
Juiz : — Mas nunca ouvio imputar essa morte a outra pessoa ?
Réo : — Sr., como eu havia de ouvir se nunca sube dessa morte ? E se fosse eu que a fizesse essa morte, não vinha todos os dias ao Recife.
Juiz : — Onde morava antes de ir para Tapugy ?
Réo : — Eu morava.... morava.... (*O réo põe-se a pensar como se procurasse recordar-se de uma cousa de que em época mui remota tivera ideia.*) Sim, morava no sitio Camorim em San-Lourenço-da-Matta.
Juiz : — De quem era o engenho em que vossê morava ?
Réo : — O dono he o Sr. barão de Suassuna.
Juiz : — Mas quem estava feito administrador desse engenho !
Réo : — Administrador ?... O Sr. Vidal.

Findo o interrogatorio, passa-se á leitura das peças do processo e ás allegações pró e contra o réo.

Terminadas essas allegações,

O Sr. Juiz Presidente faz o relatorio da causa, e entrega ao presidente do concelho os seguintes

QUESITOS.

1.º O réo commetteu o crime de que he accusado?

2.º O réo commetteu o crime por motivo reprovado, ou frivolo ?

3.º O réo commetteu o crime com superiodade em armas ?

4.º Existem em favor do réo circumstancias attenuantes ?

Tendo-se o concelho recolhido á sala das conferencias, volta, depois de uma hora, á dos debates, respondendo :

Ao 1.º quesito —*Sim*— por 10 votos.
Ao 2.º » —*Não*— » 7 »
Ao 3.º » { —*Sim*— » 6 » / —*Não*— » 6 » }
Ao 4.º » —*Sim*— » 8 »

O Sr. Juiz Presidente, conformando-se com a decisão do jury, lavra e profere a seguinte

SENTENÇA.

A' vista da decisão do jury, condemno o réo João Paulo de Souza a 6 annos de prisão com trabalho, por se achar incurso no grão minino do art. 193; e nas custas.

Sendo mais de duas horas da tarde, levanta-se a sessão.

(*) Breve será publicada a 5.ª sessão, que he a mesma a que compareceu o Sr. Borges da Fonseca, e que não precedeu a 6.ª por não estarem ainda decifradas as respectivas notas tachigraphicas.

Os RR.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

RECIFE, 12 DE AGOSTO DE 1847.

A galera ingleza *Columbus* trouxe-nos jornaes de 2 de junho a 2 de julho ultimo.

A rainha Victoria, com a sua côrte e familia real, permanecia no palacio de Buckingham, onde recebêra os principes Oscar da Suecia, Waldemar da Prussia e o principe hereditario de Lucca em visita a Londres ; e ahi se achava ainda o grão-duque Constantino da Russia, visitando os principaes estabelecimentos daquella capital. Cada um destes principes chegára a ella em differentes occasiões.

S. M. B. tambem fizera uma visita real á universidade de Cambridge, na qual exerce seu augusto consorte, o principe Alberto, o cargo de chanceller.

A casa dos communs occupou-se, na sua sessão do 1.º de junho, com a discussão de uma indicação do conde de Lincoln para se endereçar uma mensagem á rainha, supplicando-lhe que se dignasse de tomar na mais séria consideração os meios de tornar a colonisação subsidiaria de outras medidas para o melhoramento da condição social da Irlanda.

Depois de varias interpellações sobre a intervenção das 4 potencias alliadas nos negocios politicos de Portugal, feitas ao governo em ambas as casas do parlamento inglez, em dias quasi continuos, encetou Mr. Hume, na casa dos communs, sexta-feira, 11 de junho, o debate, que continuou nos dias subsequentes.

No dia 14, deu Mr. Duncombe noticia de que na primeira occasião opportuna, durante o debate adiado sobre os genocios de Portugal, proporia elle como emenda á moção do honrado membro por Montrose:-- « Que, havendo a Grão-Bretanha tomado parte na intervenção armada estrangeira que tinha por fim pôr termo á guerra civil, ora infelizmente existente em Portugal, era opinião da casa, que, achando-se restabelecida a tranquillidade, incumbiria ao governo britannico o dever de procurar por todos os meios justos ao seu alcance garantir ao povo portuguez o pleno gozo dos seus direitos e prerogativas constitucionaes.»

Continuando no dia 15 o mesmo debate, e orando o Dr. Bowring a favor da resolução de Mr. Hume, que era realmente um *voto de censura* ao ministerio inglez, como diz o *Times*, propoz um membro, Mr. Newdegate, que se contasse a casa, e não havendo 40 membros presentes, foi ella ainda adiada, pouco antes das 8 horas da noite.

No mesmo dia, porém, propoz lord Stanley, na casa dos lords, ao concluir um eloquentissimo discurso sobre o predito assumpto, a seguinte indicação : « Que os documentos apresentados a ambas as casas do parlamento por ordem de S. M. B. não justificavam, na opinião da casa, a recente interferencia da Inglaterra, á fôrça de armas, nos negocios internos de Portugal.»

E depois de alguns discursos do conde de Winchilsea em favor da indicação, do marquez de Lansdowne, duque de Wellington, conde de St.-Germans, lord Beaumont e lord Granville em apoio do governo, foi ella rejeitada por 66 votos contra 47--maioria a favor dos ministros 19.

Na sessão de 16, occorreu na casa dos communs uma conversação de algum interesse, em consequencia de ter Mr. Borthwick perguntado a Mr Duncombe, se, no caso de não insistir Mr. Hume na sua resolução, ainda tencionava elle apresentar a sua emenda como indicação substitutiva? Isto provocou uma resposta da parte de lord J. Russell, « que quér Mr. Duncombe fizesse a sua moção quér não, o governo de S. M. B. julgava do seu dever empregar toda a sua justa influencia para a manutenção dos direitos constitucionaes do povo portuguez.» Mr. Duncombe accrescentou, que, como entendia que a sua emenda estava virtualmente adoptada depois da declaração do ministro de S. M., dava-se por satisfeito ; mas que elle tambem desejava saber o que fôra feito da virtuosa indignação do partido do paiz, que déra lugar a contar-se a casa na noite precedente. Este reparo induzio Mr. Newdegate a justificar a sua conducta, dizendo que, quando fez a sua moção, não estava na casa ministro algum do gabinete, e que elle mesmo achava-se *solus* nos bancos da opposição.

Mr. Hume disse que não podia crer que a summaria solução do debate na noite anterior houvesse tido lugar sem prévio ajuste ; o que pouco acreditava a casa. Que elle tivera muito desejo de responder ao discurso de Sir R. Peel, o qual não era mais do que um tecido de absurdos, e julgara necessario contraria-lo na occasião, porque não citava os documentos exactamente. Que lhe parecia que o *contar-se* então a casa fôra arranjado de proposito, e que se assim era, pouco decoro havia em abaffar-se uma questão tão importante, sem se proferir sobre ella decisão alguma. Que não tinha remedio senão renovar a sua noticia ; mas que não vio utilidade em faze-lo, quando a casa estava tão indiposta para a materia.

Lord John Russell recusou fazer reviver o debate sobre a moção de Mr. Hume, ou defender Sir R. Peel ; mas disse que ninguem tinha perdido tanto com o inopinado encerramento do debate como os ministros de S. M. ; porque a maioria, que certamente teria sido a seu favor, fôra para elles uma vantagem que haviam perdido. Que não havia precedente nos tempos modernos de uma intervenção tal como a que exercêra Mr. Newdegate ; e que a nada se assemelhava tanto como ao systema adoptado pelos deoses da antiguidade, que carregavam os seus heróes n'uma nuvem, quando se achavam em alguma difficuldade. Elle negou que não estivesse presente ministro algum do gabinete, quando se contou a casa. Constava-lhe que estava presente lord Palmerston, e elle mesmo com o chanceller do exchequer estavam na casa dos lords, e não poderam voltar della a tempo de assistir á contagem. Concluio justificando o caracter do coronel Wylde, das injustas aspersões que Mr. Hume havia lançado contra elle.

Sir J. Graham ridiculisou a ideia de Mr. Hume, de que Sir R. Peel fizera um discurso cheio de absurdos, e facetamente explicou a preferencia que dera ao seu jantar sobre a eloquencia do Dr. Bowring, e qual fôra a causa da sua ausencia.

Mr. Stafford O'Brien, attendendo a que a casa era tão pequena e a questão tamanha, agradeceu a Mr. Newdegate o havê-la contado na noite precedente. Que, se alguem merecia censura pela inopinada conclusão do debate, era o governo cujo dever era conservar casa em todas as occasiões. Aqui findou a conversação.

Na sessão de 17, propondo Sir Grey, que se lesse a ordem do dia para se tratar em commissão do *bill* para a legal administração dos pobres, fizeram differentes membros a lord Palmerston uma variedade de interpellações, relativas á continuação do bloqueio do Porto, á continuada suppressão da liberdade de imprensa, e de outras prerogativas constitucionaes do povo portuguez, por um decreto arbitrario da sua rainha — a convenção de soltar-se o Antas e a sua tropa da prisão no castello de San-Julião, logo que se soubesse em Lisbôa da entrega da junta, — á infracção dos artigos 1.º, 15, 17 e 18 do tratado de Lisbôa, de julho de 1842, da parte da rainha de Portugal, pelo que muito damno se tinha causado aos negociantes inglezes — e á aceitação de condecorações portuguezas por officiaes inglezes, em remuneração dos seus recentes serviços no Tejo e Douro. Todas estas interpellações foram satisfactoriamente respondidas por S. Ex.

Na sessão de 18, fez Mr. Borthwich uma exposição algum tanto extensa, para mostrar que não tinha sido inexacto, como dissera Mr. Macaulay, quando declarou n'outra sessão, que a junta não tivera sufficiente aviso da intenção do governo britannico de atacar a sua esquadra e tropas, se sahissem do Porto ; e concluio dirigindo a lord Palmerston duas interpellações, das quaes a primeira era, se elle tinha recebido algumas participações de Portugal, de que o governo portuguez em conformidade das estipulações da recente intervenção houvesse mandado algum vaso para reconduzir de Angola os prisioneiros de Torres-Vedras ; e a segunda se as potencias alliadas tinham accordado em retirar a fôrça hespanhola que marchava para Portugal.

Lord Palmerston fez então uma contra-exposição mostrando que a noticia das hostilidades dada á junta fôra completa. Que elle não recebêra participação alguma acerca da primeira questão ; mas que tinha a satisfação de affirmar á casa que fôra informado naquella tarde pelo ministro portuguez residente em Londres de que a 10 daquelle mez publicara o governo portuguez de Lisbôa aquella amnistia absoluta que promettêra, quando ainda não tinha recebido participação da submissão do conde das Antas. Sobre a segunda questão declarou elle, que o governo inglez não tinha tambem recebido participação da entrada de tropas hespanholas em Portugal, a excepção de um pequeno destacamento, que então occupava Valença. O exercito hespanhol sob o commando do general Concha não devia entrar em Portugal até 10 ; e julgava que apenas o general Concha soubesse dos successos do Porto, era provavel que suspendesse a sua marcha.

Um jornal inglez, o *Britannia*, affirmára como facto averiguado, que seria mister differir a prorogação do parlamento para um periodo mais remoto do que aquelle que ha pouco fôra annunciado. — Sexta feira, 23 de julho, era o dia que muito provavelmente veria o termo da sessão. A respeito da dissolução, era isso objecto de maior incerteza, e dependeria, em grande parte, do tempo. Se as messes amadurecessem rapidamente, seria mister que fossem recolhidas antes que se lançasse o paiz no marulho de uma eleição geral ; e nesse caso não se verificaria a dissolução, sem que o outono estivesse bem adiantado : mas, se a ceifa fôsse tardia, se aproveitaria o intervallo comparativamente ocioso, e seguir-se-hia a dissolução immediatamente á prorogação. Todavia, o *Times* de 11 de junho annuncia que a eleição geral haveria lugar dessa data a 5 ou 6 semanas ; e já para ella se faziam disposições.

O mesmo jornal *Britannia* tambem annunciou que S. M. a rainha tencionava ir a Escocia antes de findar a estação, e que durante o real progresso seria o marquez de Abercorn honrado com uma visita da sua soberana.

No dia 20 de junho fôra celebrado o decimo anniversario da exaltação de S. M. a rainha Victoria ao throno da Grão-Bretanha, ao qual subira pela primeira vez em 1837 ; dando ao meio-dia salvas reaes os canhões do Park e Tower, e desenrolando-se o pavilhão real sobre todos os edificios publicos e campanarios de differentes igrejas.

Refere outro jornal inglez, o *Observer*, que a rainha de Portugal escrevêra uma carta de seu proprio punho ao duque de Palmella, actualmente residente em Londres, recommendando-lhe do modo o mais benigno a sua volta para Lisbôa, afim de reassumir a posição que tanto tempo e tão dignamente occupára nos concelhos de S. M. F., antes de ser demittido e deportado polos actos facciosos e corruptos que acarretaram a Portugal tanta desordem e calamidade. O duque de Palmella, diz aquelle jornal, fôra sempre decidido amigo da liberdade constitucional, pela qual pugnou e arriscou tudo na luta entre os defensôres da causa da rainha e as pretenções de D. Miguel, de cujo governo usurpador e despotico fôra elle o maior e mais firme inimigo. A revocação de um tal homem, de uma maneira tão benevola e honrosa, he de bom agouro para a causa da liberdade constitucional em Portugal, e presta um dos melhores testemunhos que se podem dar das intenções da rainha e dos seus actuaes concelheiros de perseverarem n'um systema de governo nacional e constitucional.

Lord John Russell annunciára a benevola intenção de S. M. B. de conferir uma pensão annual de 100 libras aos filhos do fallecido Thomaz Hood, esse autor de elevado, mas infeliz talento.

S. M. B. tambem conferio, segundo noticia o *Observer*, ao Rev. Theobaldo Matheus, esse homem pio e justo, mais conhecido por padre Matheus (o apostolo da temperança), uma pensão annual de 300 libras Lord John Russell, que communicou o facto ao venerando sacerdote, dizia-lhe que S. M. lhe conferira esse signal de sua real munificencia em attenção aos sacrificios que elle fizera para promover a moralidade, e aos serviços que dest'arte prestara ás classes indigentes — ou antes, a todas as classes — dos seus compatriotas. « A maneira generosa por que foi pago este bem merecido tributo ás virtudes publicas e particulares daquelle digno varão redunda no maior credito para o nobre lord que o aconselhou ; e toda a honra e gloria he devida a S. M. B. por acceder á deliberação dos seus ministros nestes negocios, e sanccionar com este *fiat* da sua approvação os trabalhos do illustre prégador na causa da temperança e humanidade. » Assim se exprime o mesmo jornal.

No dia 1.º de julho chegára de Paris a Manchester-house o duque de Broglie, para assumir as funcções de embaixador de França em Londres, em lugar do conde de St. Aulairá. No mesmo paquete alli chegaram o conde e a condessa de Jarnac. Constava que o conde e a condessa de St. Aulaire tencionavam partir para o continente na segunda-feira seguinte (5). O conde de Jarnac reteria a sua posição na embaixada, não obstante os boatos em contrario.

Lê-se no *Times* de 25 de junho o seguinte :

« FARINHA DE MANDIOCA. — Teve lugar uma importação de 114 saccos, de um genero recentemente introduzido neste paiz, sob a denominação de farinha de mandioca de Pernambuco, producção da America do Sul. Por uma ordem do thesouro expedida ha pouco tempo, por occasião de uma semelhante importação do Maranhão, foi este genero declarado livre de direito como substancia alimentaria, até o 1.º de setembro proximo futuro. »

MAIS UM ATTENTADO CONTRA A SEGURANÇA INDIVIDUAL !

Hontem, pelas 7 3/4 horas da noite, Juvencio, escravo de um dos irmãos Cruzes que moram no pateo do Carmo, deu uma facada em Thereza Maria de Jesus, preta fôrra, que dias antes lhe declarára estar decidida a quebrar para sempre as relações illicitas que com elle entretinha !

Não obstante a gravidade da ferida, da qual como que jorrava o sangue, pôde a preta alcançar aquella das casas do referido pateo, em que habita o Sr. subdelegado supplente da freguezia de Santo-Antonio, para inteira-lo de todo o occorrido, e deprecar a captura do desalmado que tentára arrancar-lhe a existencia.

Apenas a infeliz informou o Sr. subdelegado dos motivos que a levaram a sua presença, desceu elle as escadas ; e, coadjuvado por um dos respectivos inspectores de quarteirão, poz-se em demanda do delinquente, que emfim encontrou na propria residencia do senhor, e fez conduzir para a cadeia desta cidade.

Dez horas acabavam de soar, e já a pobre Thereza havia recebido o SAGRADO VIATICO, que fôra mandado buscar pelas pessôas que a tratavam, receiosas de que tivesse ella de durar mui poucos momentos, por tê-la declarado em perigo de vida o medico que a vistoriara : no entretanto, até hoje pela manhãa, a victima da sensualidade ainda não tinha succumbido.

Dizem-nos que não he esta a primeira occasião em que Juvencio tinge as mãos no sangue humano ; e que, isto não obstante, ainda não soffreu nenhuma das penas que a lei tem decretado para os que se constituem réos de semelhante crime..... Vejamos se por mais esta vez fica elle impune, tendo sido preso quasi em flagrante !

VARIEDADE.

ESTUDOS PHILOSOPHICOS.

Do espiritualismo e do materialismo.

O conhecimento suppõe-se sempre dous termos; um objecto conhecedor e outro conhecido. Nós somos sempre os que conhecemos, mas o objecto conhecido varia. Por pouco que medite e profunde, todo o homem de bom senso distingue ao primeiro golpe de vista dous mundos iguaes, mas distinctos, vistos com os olhos de intelligencia. Ao mesmo tempo que percebe com os sentidos os objectos materiaes exteriores, informa-se do que passa dentro em si; não pelos sentidos, porque he impossivel, mas sim por outra via. Se goza, se padece, se duvida, se crê, se deseja, sabe que percebe estas sensações, como sabe que os objectos exteriores são redondos ou quadrados, grandes ou pequenos, etc. De sorte que todo o homem sabe o que passa dentro delle como vê os objectos exteriores; mas conhece de diverso modo nestes dous mundos. No mundo exterior conhece com o auxilio dos cinco sentidos: no interior não necessita deste recurso. Vê o mundo exterior como um espectaculo frente a frente de sua intelligencia; e ainda que não possa tocar nem vêr nenhum dos

phenomenos que passam no seu interior, nem por isso deixa de conhece-los.

Tornamos a repeti-lo: todo o homem de bom senso se distingue, e não poderá deixar de admittir como cousas incontestaveis estes dous meios que tem a intelligencia de vêr as cousas; um exterior pela mediação dos sentidos, e outro interior pelo sentimento, sem intermediario algum.

Mas nem todos os homens fazem igual uso destas duas faculdades da intelligencia. Examinemos, por exemplo, um naturalista: como o objecto que estuda he exterior, observa e analysa com os sentidos: tudo o que aprende o percebe por esta via, e a sua attenção se concentra inteiramente para esta direcção, retirando-se absolutamente da perspectiva interior. Continúa sem duvida a saber o que se passa nelle; mas informa-se disso sem deseja-lo, e até sem percebe-lo. Acostumado como está a não dar importancia alguma senão aos descobrimentos feitos por meio dos seus sentidos, conclue por esquecer-se que ha outro mundo no qual podem effectuar-se de outra maneira diversa. Como que vio ou tocou tudo o que encontrou certo, acaba por associar-se exclusivamente ás percepções da vista e do tacto, á ideia da certeza, e a persuadir-se por conseguinte de que não ha nada certo senão o que vê ou palpa.

Suppunhamos, pelo contrario, que nos approximamos a um homem como Descartes, que passa a sua vida a observar em si mesmo o trabalho do pensamento, o jogo das paixões, as mólas que determinam as nossas revoluções, as causas que engendram os nossos habitos; um daquelles homens que não abandonam as suas meditações interiores mais que durante o tempo que gastam nas necessidades materiaes da vida, e que vivem no mundo sem vêr, sem ouvir e sem observar nada, visto estarem absortos na contemplação do que lhes acontece; suppunhamos, tornamos a repetir, um homem desta classe, e vêr-se-ha como tambem obra nelle o phenomeno que sente o naturalista; mas de uma maneira absolutamente diversa. Em vez de retirar a sua attenção da consciencia para a fixar nos sentidos, retira-se destes para fixar-se na consciencia. Toda a sua intelligencia se concentra naquella inspecção interior. Os seus sentidos o informam da proximidade e natureza das cousas exteriores que o cercam; mas recebe esta informação sem aperceber-se disso. A unica cousa que sabe a fundo he o que sente em si mesmo: alli he onde vê a realidade palpitante toda cheia de vida, de claridade e de evidencia; o mais só o vê distante como uma vaga sombra; concluindo por encontrar só na consciencia a unica fonte da verdadeira sciencia, da solida certeza, não se fiando senão no que lhe mostra o testemunho de seus sentidos, e algumas vezes tendo tentações de crer que o mundo material he uma illusão.

Se propozessemos a estes dous homens a questão de Descartes: « ha alguma cousa que possamos saber de certo? » he evidente que o naturalista pensará logo nos objectos exteriores que percebem os seus sentidos, e a mente do metaphysico se fixara nos phenomenos interiores que a sua consciencia lhe revela. Eis-aqui o germen das duas solucções oppostas ao problema fundamental dos caracteres da verdade. Não dizemos que todos os naturalistas neguem a certeza do sentido intimo, nem que todos os metaphysicos zombem dos sentidos; e só queremos dizer que aos olhos dos primeiros não podera apparecer tão grande a autoridade do sentido intimo como a dos sentidos, e viceversa nos segundos. Dizemos mais: crêmos que se encontrarão entre uns e outros alguns espiritos tão audazes, que por uma parte negarão a certeza dos phenomenos interiores, e por outra a das causas materiaes. Finalmente, julgamos que, se se empenhasse a discussão, cada partido acharia tão absurda a pretenção do partido opposto que se incommodaria, qualificaria de loucura a crença de seus adversarios, penetrando-se mais exclusivamente da sua, e concluindo por crer, de todo o coração, que he a unica verdadeira, porque esta he a condição do espirito humano no caminho dos systemas e da intolerancia.

Não entraremos agora a disputar se a opinião do naturalista he mais bem fundada ou não que a do metaphysico. As necessidades do menino attraem a sua intelligencia para os objectos exteriores; forma-se nelle o habito de conhecer por meio dos sentidos, e necessitam-se muitos annos de meditação para rompe-lo e passar a outro habito diverso. He isto o que faz com que poucos homens se acostumem a olhar interiormente; e que ainda os que o conseguem, não percam absolutamente a sua primeira confiança no testemunho dos sentidos. Outra das rasões que ha em pró desta opinião vem a ser a precisão em que estão de acudir aos objectos exteriores pelas necessidades da vida e pelos deveres da sociedade; e nestas digressões sobre as meditações metaphysicas ganha em credito a realidade exterior sobre a do espirito.

Mas o que nenhum homem rasoavel admittirá, se quizer dar-se ao trabalho de reflexionar um momento, he que uma destas opiniões he menos exclusiva que a outra. Não podemos conhecer o que se passa em nós mesmos com as mãos nem com os olhos, porque nem estes o vêem nem aquellas o palpam, e a nossa intelligencia não póde ser informada, do mesmo modo, dos objectos interiores e dos exteriores. He, pois, necessario que um sinta e outro veja, sendo absolutamente necessaria esta differença nos meios, porque se estende a ambos os mundos. Mas, ou se perceba com os olhos o exterior, ou se reflexione sobre o interior com a consciencia, o caso he que sempre he ella a que conhece. Se se revoga o seu conhecimento n'um caso, não poderia fiar-se della n'outro. Crer nos sentidos e não crer na consciencia, ou crer na consciencia e não crer nos sentidos, he crer e não crer a um mesmo tempo na intelligencia, he consentir n'um absurdo; e o naturalista que põe toda a sua certeza nos sentidos, e o metaphysico que a põe na consciencia, são tão exclusivos e tão ridiculos um como o outro.

Damus, pois, a eleger aos nossos leitores estas duas opiniões, se adoptam a primeira se fazem naturalistas, e espiritualistas se admittem a segunda.

Não seremos nós os que digamos que estas duas opiniões representem com exactidão o que ordinariamente se entende por materialismo e por espiritualismo: o materialismo, na verdadeira accepção da palavra, consiste em negar a existencia do espirito, e o espiritualismo em não admittir a da materia. Diremos sim, que quem toma o partido de não crer senão nos seus sentidos se condemna ao materialismo, assim como se condemna ao espiritualismo o que não crê senão na sua consciencia.

São duas soluções oppostas á questão dos caracteres da verdade, uma das quaes tem por consequencia inevitavel a negação da materia, e a outra a do espirito. Eis-aqui a rasão por que no grande debate do philosophia moderna sobre o problema fundamental estas duas soluções tomaram o nome de *solução materialista* e de *solução espiritualista*.

Para o homem que crê no que percebe com os sentidos e com a consciencia o que sente dentro de si, ha, como dissemos, duas ordens de phenomenos diversos, mas reaes. No exterior estão a extensão, a solidez, a figura; e no interior o prazer, a pena, o pensamento, a vontade e a actividade. A convicção não se detem nisto, penetra mais adiante. Crê que a extensão, a solidez e a figura não são vãas apparencias fluctuantes no vacuo, mas que ha alguma cousa de que estes phenomenos não são mais que as propriedades: crê, pois, em alguma cousa, e he isto o que se chama materia. Do mesmo modo, pensando um pouco, lhe he impossivel suppôr que o gozo e o padecimento não se referem a uma cousa que soffre e goza; que ha entre nós vontade, pensamento e actividade, sem haver alguma cousa que pense, e que obre. Quer dizer que admittem realidade, tanto nos phenomenos exteriores como nos interiores; e como não se parecem nada estas duas ordens de phenomenos, crêem que são differentes as duas realidades que lhes manifestam.

Existem, pois, para o homem de bom senso duas relidades igualmente incontestaveis; uma que vê no interior e a outra que sente interiormente.

Figuremos agora dous homens; um que nasça privado de todos os sentidos, e outro desprovido de todo o sentimento do que se passa nelle. O primeiro destes homens ignorará a metade das cousas, o exterior e com elle a materia e todas as suas propriedades; o segundo a outra metade, o interior, o espirito com todas as suas modificações, e suas operações: nem um nem outro poderiam crêr no que ignoram, e a ambos se figuraria que não existe mais do que sabe, ou espirito, ou materias, ou o mundo exterior, ou o interior. Qual será, pois, a rasão de estarem tão mutilados nelle o conhecimento e a crença? O não possuir mais que uma das duas maneiras de conhecer que recebemos da natureza. He esta a historia do materialismo e do espiritualismo. O espiritualista tem sentidos para não crer no que lhe demonstram; o materialismo tem uma consciencia, mas não crê no que ella lhe faz sentir: he como se um não tivesse sentidos, nem o outro consciencia, e vê-se que se forem consequentes obrarão como os dous homens que antes suppozemos; um negará a materia, e o outro o espirito.

Mas, desgraçadamente para a regularidade logica dos systemas de philosophia, o philosopho jámais se remonta sobre o homem. Quando o bom senso diz uma cousa e a sciencia outra, he raro que o espirito mais ousado não tenha alguma consideração com o primeiro e que não faça algumas concessões. Se os espiritualistas fossem consequentes, não se teriam occupado da materia, nem até teriam pronunciado o seu nome; porque, sendo para elles os sentidos como se não existissem, o mais natural seria não se incommodarem em averiguar se se sabe assaz exteriormente. Outro tanto acontece com os materialistas: como para estes os phenomenos interiores são paradoxos, não deveriam occupar-se delles nem até pronunciar os nomes de espirito e materia. Mas os primeiros teem olhos, e os segundos sentem a vida interior. A crença commum faz echoar nos seus ouvidos os nomes de alma e de materia, e até elles mesmos não podem suffocar inteiramente um resto do senso commum que luta secretamente contra a intolerancia de seus principios. Em vez de deduzir simplesmente de suas opiniões respectivas a existencia exclusiva do espirito ou da materia, os materialistas sentiram a necessidade de explicar no seu systema o que se chama espirito, e os espiritualistas no seu, em que consiste aquella outra cousa que se chama materia. Vio-se aos primeiros buscar a alma com os olhos e com as mãos, e aos segundos buscar a materia com o sentido intimo, e he aqui onde apparece mais palpavel o ridiculo do espirito humano quando chega a desvairar-se por um systema exclusivo.

O habito de concentrar toda a sua intelligencia nos olhos e nas mãos produz no materialista o mesmo effeito que o habito opposto no espiritualista. Só ha para elle uma realidade que comprehenda, que sinta bem e vem a ser a materia ou substancia solida, extensa e figurada. Para elle o typo he toda a realidade, e não comprehende que possa haver uma cousa sem solidez, sem figura insensivel, e sem occupar parte alguma no espaço, cuja essencia só seria obrar, sentir e conhecer. Com tudo, estas palavras devem representar alguma cousa no seu pensamento: ao investigar estas operações diz-se que poderão inspirar-lhe esta ideia estranha, e até que grao de verdade deva reduzi-los a um exame severo. Fiel como o espiritualista, tem os seus habitos intellectuaes, e assim vai descobrir a alma com os olhos e com as mãos, e só encontra que o mundo he um conjuncto de corpos, em cujo numero se encontra o homem. Todos estes corpos possuem os mesmos attributos constitutivos; todos se compõem de partes figuradas, extensas, etc. Mas, além destes attributos physicos, todos manifestam phenomenos, isto he, o que se produz em si, tanto interior como exteriormente, movimentos diversos. Assim a planta vegeta e a pedra não; o animal digere e a planta não: como nestes corpos se operam diversos movimentos he isto o que os separa. Quando se investiga porque estes phenomenos se operam em uns corpos e em outros não, acha-se que as partes que compõem os corpos se differenciam umas das outras em dous conceitos, pela sua natureza e pela sua organisação. He essa a rasão por que todos os corpos que apresentam os mesmos phenomenos se compõem das mesmas partes, dispostas pela mesma maneira; e pelo contrario, os corpos que apresentam phenomenos differentes, compõem-se de partes diversas, ou de partes iguaes, mas distinctamente combinadas. O que realmente distingue os corpos, e o que faz que manifestem diversos phenomenos he a natureza das partes, e o seu arranjo, ou, dizendo melhor, a sua organisação.

He assim que os espiritualistas e os materialistas explicaram o interior pelo exterior, ou viceversa; he assim como, não consentindo uns em vêr os phenomenos das materias mais que nos effeitos que produzem interiormente, e os outros os do espirito mais que no movimento exterior que manifestam, identificaram os phenomenos da materia com os do espirito, ou os do espirito com os da materia; e depois de terem feito a imagem do objecto, ou ao contrario, poderam concluir, os primeiros que não ha mateias, e os segundos que não ha almas.

E porque nos havemos de assombrar deste resultado? O espiritualista que para nada se serve de seus sentidos busca a materia dentro em si e não a encontra; o materialista que não faz uso de sua consciencia busca a alma onde não esta. O primeiro assombre-se de que haja pessoas que possam crer na materia, e o segundo de que se possa crer na alma: ambos se olham com o mais profundo desdem, cousa a mais natural do mundo, mas ao mesmo tempo a mais ridicula. Esta he a historia de nossos dous homens, um privado dos sentidos, e o outro da consciencia. O espiritualista e o materialista não são mais que duas metades de um homem, ou, mais propriamente fallando, dous homens completos na realidade; mas que se mutilam philosophicamente, e depois de ter-se mutilado, mutilam o mundo com os seus systemas.

A melhor reputação do materialismo he o espiritualismo, e a melhor reputação do espiritualismo he o materialismo. Para comprehender o absurdo de uma destas opiniões basta situar-se no ponto de vista de opinião contraria. Como os materialistas não consentem no sentimento interno, querem absolutamente vê-lo e toca-lo; de sorte que, não podendo comprehendê-lo deste modo, porque he impalpavel e invisivel, estão reduzidos a imagina-lo; e como não se imagina mais que o que se sabe, viram-se obrigados a crea-lo á imagem do que vêem e palpam.

Resulta, pois, disto, que o interior he para elles um conjuncto de phenomenos que resultam da natureza e da coordenação das partes corporeas. Nada ha mais singelo que esta marcha, nem nada mais inevitavel que esta conclusão. Aqui temos a alma dos espiritualistas reduzida a não existir mais que a collecção de phenomenos interiores, ou a collecção das partes naturaes de que estes phenomenos emanam. Isto he magnifico; mas quereremos julgar da fidelidade desta pintura do mundo interno creado pela imaginação dos materialistas? Não façamos caso, nem de nossos olhos, nem de nossas mãos que não podem penetrar neste mundo interior; consintâmos em senti-lo; em uma palavra, ponhamo-nos, no ponto de vista dos espiritualistas. Então veremos desvanecer-se a chimerica descripção dos materialistas na consciencia intima deste mundo estranho a nossas mãos e aos nossos olhos, e terão para nós uma claridade e uma evidencia irresistiveis duas convicções que sempre teremos, ainda que obscuramente no estado ordinario; a de nossa casualidade e da nossa simplicidade.

Nem o pensamento, nem a actividade, nem a sensação serão para nós phenomenos abstractos separados, que a imaginação póde explicar e regular como queira; sentiremos viver em nós o que pensa, o que obra, o que sente; em uma palavra, o ser, que he *nos outros*, e que por isso chamamos *eu*, o sentiremos obrar na actividade, sentir na sensação, e conhecer no conhecimento, porque tem consciencia de que he elle quem pensa, quem sente e quem obra. Não só sente o mesmo na variedade dos phenomenos que produz ou que experimenta em um momento dado, mas em todos os momentos, porque se recorda de que ha sentido, porque prevê o que sentirá, e julga quando chega o futuro que previo bem ou mal. Que diremos do principio simples e identico de nossos pensamentos e de nossos actos, deste assumpto simples e identico de nossas sensações? Que faremos no systema dos materialistas, ou, dizendo melhor, onde o encontraremos na sua descripção do mundo interno? Este que he o objecto de uns e a causa dos outros, he a collecção das sensações, das ideias, dos actos; em uma palavra, dos phenomenos do mundo interno? He a collecção das partes corporeas, inertes, extensas, figuradas, solidas, o que se sente simples, unico e activo; o que não se sente nem figurado, nem extenso, nem solido; o que não suspeitaria sequér que existiram moleculas materiaes, nem extensão, nem solidez, a não sahir da contemplação de si mesmo para olhar fóra de si? A quem havemos de referir-nos para saber o que he mais, que a elle mesmo? Não he elle o principio intelligente? Não he quem ensina aos materialistas que ha corpos e quaes são as suas qualidades? Não se fiam de seu testemunho nesta informação? Com que direito querem fazê-lo á imagem do corpo quando protesta contra esta imaginação e se sente outra cousa? O que ha de positivo he que não querem que se sinta; mas que se veja e se toque materialmente como vêem e tocam os corpos; e como vendo e tocando não encontram mais que corpos, e nunca o *eu*, daqui concluem que não he mais que um corpo, supprimindo-o com a sua obstinação em não querer que se encontre tal e como he.

Por outro capricho não menos estranho, não consentem os espiritualistas em que o principio intelligente busque a materia onde existe, isto he, fóra delle; mas que, pelo contrario, querem que a busque em si mesmo. O mundo exterior não he mais que uma ideia em nossa intelligencia; assim como o objecto que reflecte em um espelho não está no mesmo espelho; mas sim a sua imagem. Não ha em nós extensão, nem fórma, nem solidez real; não ha mais que ideias disso. Se a intelligencia não vê a materia mesma, e só sim se limita a contemplar a ideia da materia, não he esta para ella aquella realidade dintincta de nós, que existe por si mesma fóra de nós, tal como todo o homem de bom senso o concebe; a materia não he mais que uma ideia, que um phenomeno interior que se desvaneceria se perecesse a intelligencia, e que por conseguinte não existe mais que nella e por ella. As arvores, as casas e as montanhas não são, pois, mais que ideias em nós sem que haja nada de realidade exterior. Só que, como não produzimos nós estas ideias, he preciso que outra causa, isto he, outro principio, no-las dê. Assim o que tomamos pelo mundo exterior não he mais que uma phantasmagoria, cujo theatro he a nossa intelligencia, sem que fóra de nós seja mais real que o magico que a produz.

Aqui temos o corpo, a materia e o mundo exterior perdidos sem recurso. Mas para que nós estamos a apurar? Esta sentença dos espiritualistas não he mais irrevogavel que a dos materialistas contra a alma. Para sahir deste apuro basta appellar da consciencia para os sentidos, isto he, da intelligencia contemplando-se a si mesmo e não encontrando em si mais que ideias de materia, á intelligencia que observa o exterior e encontra fóra de si a mesma materia. Não a detenhamos mais no mundo interior, empreguemos os olhos e as mãos, e então se verá e tocará esta realidade material que não se encontra na consciencia por meio destes orgãos, que não são oculos de uma camara obscura por onde não se vê mais que a sombra, mas sim janellas abertas da sua prisão que deixam ver toda a natureza exterior.

Effectivamente, desde o momento em que consentimos em olhar e palpar os objectos exteriores, desvanece-se como o fumo todo o excepticismo dos espiritualistas. As fórmas que percebemos não são ideias de extensão ou de solidez, mas sim a extensão e a mesma solidez das fórmas reaes. Ha ainda mais alguma cousa, distinguimos perfeitamente o objecto que percebemos, e que he estranho da ideia deste objecto que he interior, e que por isso mesmo sentimos. Quer dizer que o objecto existe independente de nós, que o encontramos, mas não o formamos; que a ideia não existe mais que em nós e por nós, e que o objecto persiste e subsiste sempre o mesmo, quér fixemos ou não nelle a attenção.

Berkeley era um grande logico; Hume e Malebranche tinham muito talento; um celebre philosopho da antiguidade pertendeu unir a pratica á sua opinião, tanto que os seus discipulos se viam obrigados a conte-lo, para que não desse com a cabeça contra as arvores e os edificios. Mas que conseguiram com tudo isto? A quem persuadiram estes grandes talentos de que não havia corpos? Que religião ou que crença fundaram? Que opinião deixaram delles no mundo? Tal he o imperio da verdade sobre o espirito humano, que, uma vez demonstrada, nada póde destrui-la.

Outro tanto se póde dizer da opinião contraria. Nós somos filhos de um seculo no qual o materialismo foi prégado, professado e diffundido por todas as partes até em coplas. Que resta de tantos esforços? Sabe o povo mais do que sabia? Vê na opinião que recebeu outra cousa mais que um contacto entre nós e um cão, o que só prova que seria mui grato aos que viveram mal morrer como os animaes; cousa que não passa de ser um máo desejo e não uma convicção.

Effectivamente, apezar das predicções de alguns philosophos, não podem supprimir-se nem a consciencia nem os sentidos, e emquanto a intelligencia conservar o sentimento do mundo interior e a vista do exterior, lhe será impossivel confundir o que sente com o que vê, o que vê com o que sente. Os arrasoados da philosophia poderão embaraçar ou seduzir o vulgo; mas nunca poderão convence-lo. He esta a rasão por que em todos os seculos vimos o bom senso do genero humano permanecer em equilibrio entre os systemas oppostos da philosophia e obstinar-se em crer na materia e na alma, apezar de não ter noções bem precisas nem de uma nem de outra.

Vamos a terminar esta discussão, que não prolongamos mais que para concluir, se he possivel, com os systemas, ainda cheios de vida, depois de dous mil annos de existencia, e que não obstante isso não necessitam para o seu completo descredito mais que ser perfeitamente comprehendidos.

Reunindo, pois, o que queriamos dizer, julgamos comtudo ter exposto de uma maneira intelligivel para todos a origem, natureza, as consequencias e a vaidade das duas primeiras e mais celebres solucções dadas pela philosophia moderna a questão suprema e fundamental dos caracteres da verdade proposta por Descartes. Segundo os espiritualistas, sómente he certo o que está attestado pelo sentido intimo; segundo os materialistas, o certo e o verdadeiro vem a ser o que attestam os sentidos corporaes: solucções incompletas e contradictorias como propostas pelos philosophos. Segundo o commum sentir dos homens, tão certo e verdadeiro he o que está attestado pelo sentido intimo como pelos exteriores: aqui temos a solucção completa dada pelo senso commum, que concilia as duas solucções dos materialistas e dos espiritualistas, incompletas e por conseguinte contradictorias.

Destas duas solucções incompletas, cada uma das quaes não reconhece por verdadeira mais que metade da verdade, resultam dous mundos incompletoe, cada um dos quaes não comprehende mais que metade do mundo real.

Os espiritualistas teem contra si neste grande debate os materialistas e o resto dos homens judiciosos, e o mesmo cabalmente aconteceo aos materialistas.

COMMERCIO.

Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 11	3:893,288
IDEM DO DIA 12	4:818,195

Descarregam hoje, 13.

Brigue-escuna — *Loper* — farinha e breu.
Barca — *William-Russell* — alcatrão, breu e pixe.
Barca — *Cumberland* — carvão de pedra.
Hiate — *Maria-Firmina* — mercadorias.
Galera — *Columbus* — idem.

IMPORTAÇAO'.

Cumberland, barca ingleza, vinda de Liverpool, entrada neste mez, consignada a James Ryder, manifestou o seguinte.

266 toneladas de carvão de pedra; a Joaquim Baptista Moreira.

Consulado.

RENDIMENTO DO DIA 12.

Geral	1:722,927
Diversas provincias	2,250
	1:725,177

Movimento do Porto.

Navio entrado no dia 12.

Rio-de-Janeiro; 15 dias, brigue brasileiro *Flôr-do-Sul*, de 176 toneladas, capitão José Ignacio Pimenta, equipagem 12, carga carne; a Amorim Irmãos.

Navios sahidos no mesmo dia.

Liverpool; brigue inglez *Black-Prince*, capitão Edward Martin, carga a mesma que trouxe.
Rio-de-Janeiro; hiate brasileiro *Nereida*, capitão Manoel Luiz dos Santos, carga varios generos. Passageiros, José Francisco, e Pedro Augusto Tavares, Brasileiros; Augusto Muller, Prussiano, e 6 escravos a entregar.
Parahiba; hiate brasileiro *S.-Cruz*, capitão Antonio Manoel Affonso, carga varios generos.

EDITAL.

Miguel Archanjo Monteiro de Andrade, official da imperial ordem da Rosa, cavalleiro da de Christo, e inspector da alfandega de Pernambuco, por S. M. o Imperador, que Deos guarde, etc.

Faz saber que, no dia 17 do corrente, ao meio-dia, na porta da alfandega, se hão de arrematar em hasta publica 3 volumes, contendo 16 mil charutos, no valor de 20,000 mil réis o milheiro, apprehendidos no mar, sem licença, pelo guarda Manoel da Fonseca de Araujo Luna: sendo a arrematação livre de direitos ao arrematante.

Alfandega, 12 de agosto de 1847.

Miguel Archanjo Monteiro de Andrade.

Declarações.

— Existem na administração do correio desta provincia duas cartas seguras para os Srs. Abrahão dos Santos Sá e José Esteves de Oliveira.

Contrato a celebrar-se com a thesouraria das rendas provinciaes no mez de agosto corrente.

Dia 16.

O do estabelecimento de uma linha de omnibus, que, na fórma da lei provincial n. 191, de 30 de março deste anno, facilite o transito desta cidade a qualquer dos seus arrabaldes e á Olinda. -- Este contrato será realisado depois que a presidencia assim o determine, á vista das propostas que por intermedio da thesouraria lhe forem apresentadas.

THEATRO PUBLICO.

MARIA DE ALENCASTRO.

DOMINGO, 15 DO CORRENTE.

Beneficio de João José Lopes,

que envidará todas as suas fôrças, coadjuvado pelo director, para ser desempenhada em representação e decorações o melhor possivel. A senhora D. Francisca e o Sr. Santa Roza cantarão no lugar competente as canções que pede seu autor. Rematará o espectaculo com a excellente farça

O Alardo na Aldêa.

Publicações Litterarias.

Sahio a luz o resumo de arithmetica, extrahido de S. F. Lacroix, pelo professor publico S. H. de Albuquerque: acha-se a venda na livraria do Sr. doutor Coutinho, na esquina defronte do Collegio, preço a 640 rs.

Breve começará a distribuição pelos Srs. assignantes.

NOVO DICCIONARIO DA LINGOA NACIONAL.

Um diccionario não he obra que de uma vez possa sahir perfeita: as diversas edicções, e os variados autores que existem, provam o que deixamos dito, para se tocar a maxima perfeição, e ainda mesmo para se ir apurando, exigem-se os trabalhos successivos de muitos homens eruditos e laboriosos. Sem nos comprehendermos no numero destes, comtudo nos atrevemos a carregar uma pedra para este monumento, e se não innovamos cousa alguma ao que já existe, ao menos compilamos em uma só obra o que está espalhado por muitas, e demanda cabedal avultado para se possuir.

Vamos, pois, lançar ao prelo *um novo diccionario da lingoa nacional*, que teve por base a ultima edicção do diccionario do muito digno litterato o Sr. Moraes, publicada em Lisbôa no anno de 1844, e que por certo não tem as faltas que o Sr. Constancio lhe notou na sua edicção de Paris de 1845. Seguimos em tudo o systema daquelle eximio lexicographo, porque á sua autoridade, já por si só bastante respeitavel accresce hoje a edicção sobre que fundamos nosso trabalho, a dos illustres Fr. Francisco de San-Luiz Souza Monteiro e padre Castro. Ajuntamos-lhe alguns vocabulos que se acham em o Sr. Constancio, e em outros autores mais antigos; e bem assim um diccionario dos termos homonimos, e outro de synonimos.

Porém, pequeno será o resultado da existencia de uma obra tão util como a de que se trata, se o seu preço não for tal, que habilite a todos para poderem obte-la. Comtudo ainda nos ufanamos por ter conseguido a resolução deste problema, por isso que o preço por assignatura será o de 20,000 rs., pagos em duas prestações.

Assigna-se em casa do editor, na rua Formosa, numero 2.

Avisos maritimos.

-- Para o Maranhão seguirá, em poucos dias, o patacho *Laurentina*, capitão e pratico Joaquim Martins dos Santos Cardozo; ainda recebe alguma carga, e tem optimos commodos para passageiros: a tratar com Lourenço José das Neves, na rua da Cruz, ou com J. Baptista da F. Junior, na rua do Vigario, n. 25.

-- Para o Aracaty sai, em poucos dias, a sumaca *Carlota*, mestre e pratico João Antonio da Silva, por ter a sua carga quasi prompta: para carga e passageiros trata-se com o mesmo mestre, ou com Luiz José de Sá Araujo, na rua da Cruz, n. 26.

--- Para Lisbôa sahe, impreterivelmente no dia 22 do corrente, o brigue portuguez *San-Domingos*; ainda recebe alguma carga miuda, assim como passageiros, para o que tem excellentes commodos: trata-se com os consignatarios, Mendes & Tarroso, na rua da Cruz, n. 54, ou com o capitão, Manoel Gonçalves Vianna, na praça do Commercio.

— Para o Rio-de-Janeiro sahe, com a maior brevidade possivel, o muito veleiro brigue nacional *Bom-Jesus*, por ter a maior parte do seu carregamento prompta: para carga e passageiros, a tratar com Gaudino Agostinho de Barros, rua da Cruz, n. 66.

--- Para o Rio-de-Janeiro sahe muito breve o brigue *Sociedade*, forrado e encavilhado de cobre, de boa marcha, e de bons commodos para passageiros: para carga ou passageiros, a fallar com José Francisco Collares, na loja de ferragens, esquina da rua da Cadeia, ou com o capitão Jeronymo José Telles.

-- Para o Havre segue com a maior brevidade possivel o brigue francez *Beaujeu*: quem nelle quizer carregar, ou ir de passagem, dirija-se aos consignatarios, B. Lasserre & Companhia, na rua da Senzalla-Velha, 138.

Avisos diversos.

--- Uma mulher de bons costumes se offerece para ama de casa de familia capaz. Quem precisar dirija-se a travessa de San-José, n. 16.

— Alugam-se tres casas terreas, no becco do Peixoto, pelo preço de cinco mil réis cada uma: a fallar na rua do Crespo, n. 15, com A. da C. S. G.

Agencia de passaportes.

Na rua do Collegio, n. 10, e no Aterro-da-Boa-Vista, n. 48, continuam-se a tirar passaportes tanto para dentro, como para fóra do imperio; assim como despacham se escravos: tudo com brevidade.

—Pelo novo destino que deu ao edificio da sua residencia na rua do Hospicio, podera o doutor Sarmento receber em sua casa doentes que desejem vir tratar-se nesta cidade. Serão recebidos não só os doentes de qualquer sexo e condição que sejam, mas tambem as pessoas, ou familias, que os quizerem acompanhar.

—Precisa-se de um rapaz para caixeiro de uma venda, que tenha, ou não pratica: atras da matriz da Boa-Vista, n. 4.

— O Dr. Casa Nova, lendo o annuncio publicado no *Diario* de 10 do corrente, pelo qual se põe em duvida a efficacia do especifico de que elle usa para curar as dôres de dentes, não se póde escusar de dizer ao annunciante, que falta á verdade, quando qualifica o dito especifico como inefficaz, e ainda mais, quando affirma que as applicações feitas não tem produzido os resultados que se esperavam; porquanto um crescido numero de pessoas existem nesta cidade, que teem sido radicalmente curadas das dôres de dentes que padeciam, com a unica applicação do referido especifico, e ellas bastam para desmentir o indicado annuncio.

Entretanto, cumpria que o annunciante, antes de arguir um remedio que elle não conhece, tivesse a circumspecção de averiguar as causas por que elle deixou de produzir effeito no caso que menciona.

Não he possivel que se possa obter por meio de um só remedio a cura de todas as enfermidades, que podem affectar os dentes, e assim he fóra de duvida, que se a dôr que elles experimentarem, proceder de uma inflammação do tecido gengival em toda a sua extensão, ou circumscripta á membrana = *alveolodentaria* = não póde o indicado especifico aproveitar; porque será de mister remover a causa da inflammação, unica que neste caso faz desenvolver a dôr nos dentes.

Se, porém, esta dôr fôr propriamente nervosa, terá então toda efficacia, e produzirá inevitavel resultado o especifico de que se trata, e para poder o annunciante argui-lo de inefficaz, cumpria que extremasse suas ideias neste sentido, e provasse que em um caso de dôr de dente nervosa elle não produzira resultado, o que não fez, e por isso o seu annuncio não passa de uma invectiva, que bem longe de desabonar as virtudes do especifico apontado, manifesta apenas a sua ignorancia em semelhantes materias.

AVISO AOS AMANTES DA HORTICULTURA,

No Aterro-da-Boa-Vista, n. 6, casa do Sr. Oliveira.

Arnol Pere & Fils, membros da sociedade real de Horticultura de Paris, ultimamente chegados a esta provincia, teem a honra de participar ao publico, que vão expor a venda uma grande e bella collecção de plantas, flores e arvores de fructos, taes como pereiras, macieiras, ceregeiras, parreiras, etc. etc., das melhores origens da Europa; uma grande variedade de amarilio, dahlias, peonias um sortimento de grãos de hortalices e de flores: tudo muito fresco e em perfeito estado de conservação e por preços os mais commodos possiveis. Para facilitar as conveniencias dos Srs compradores, elles se obrigam a fazer por si mesmos as plantações de todos os productos que venderem, dando assim aos mesmos Srs. uma completa segurança sobre a germinação das sementes e reproducção das plantas.

-- Dá-se dinheiro a premio sobre penhores de ouro e prata, hypotheca, ou boas firmas: na rua estreita do Rozario, n. 30, segundo andar, se dirá quem dá.

-- Precisa-se de uma mulher para ama de casa, que saiba bem cozinhar: na rua das Cinco-Pontas, n. 16.

-- Aluga-se uma padaria no Recife, na rua do Burgos, cujo aluguel se receberá em pão: a tratar na praça do Corpo-Santo, n. 13.

-- Jacintho José de Souza, com venda na povoação dos Apipucos, adverte as pessoas que teem ido passar a festa na mesma povoação, hajam de ir pagar o que ficaram devendo na sua taberna, no prazo de 15 dias; do contrario, serão os seus nomes publicados por extenso nesta folha. O mesmo adverte as pessoas que ainda lhe devem de 1845 a 1846.

-- Quem precisar de um homem para o serviço de campo, ou feitor, dirija-se a rua de S.-Bom-Jesus-das-Crioulas, n. 18.

-- Quem precisar de uma ama com leite, dirija-se ao becco da Carvalha, n. 9.

-- Quem precisar de uma ama de leite, dirija-se a rua das Cruzes, n. 12.

-- Fazem-se costuras, lava-se, e engomma-se com perfeição e por preço commodo: no Recife, becco das Miudinhas, n. 8, segundo andar.

--Convida-se ao Illm. Sr. doutor Olinda, que mande pelas encommendas e cartas, vindas do Rio-de-Janeiro, na rua do Pilar, n. 104

-- Quem annunciou querer comprar o compendio — Piloto Instruido —, dirija-se a rua do Pilar, n. 104.

Vendem-se dous bonitos e corpolentos moleques de 17 a 18 annos, sendo um delles de nação, que cozinha bem o diario de uma casa, e he muito habil e esperto, e o outro optimo para pagem, por estar a isto acostumado, e ter muito boa conducta, ambos são muito proprios para palanquim, ou cadeirinha, por serem muito reforçados, bem parecidos, da mesma estatura, e sem vicios nem achaques: na rua do Vigario, n. 24, se dirá quem vende.

--- Uma senhora com abundante e bom leite propõe-se a criar: em Fóra-de-Portas, n. 135.

-- Offerece-se uma parda para cozinhar, comprar e fazer o mais serviço de uma casa: na rua do Fogo, loja n. 27.

-- Precisa-se alugar uma escrava para o serviço de uma casa de pouca familia, que saiba cozinhar, engommar e fazer os mais arranjos de uma casa, não sendo muito moça: na rua larga do Rozario, n. 32, ou annuncie.

-- Um moço brasileiro se offerece para caixeiro de qualquer estabelecimento e juntamente para cobranças, dando fiador a sua conducta: quem de seu prestimo se quizer utilisar, annuncie.

-- Antonio Francisco de Azevedo Campos comprou meio bilhete n. 2,830 da loteria do theatro, e uma cautela n. 2,338 da mesma loteria, por ordem do Sr. Antonio Gomes Ribeiro, da freguezia da Escada.

--- Precisa-se alugar uma preta, ou moleque que seja fiel, para vender azeite e outras vendas na rua: na rua Direita, deposito de assucar, n. 78.

--- Precisa-se de um caixeiro de 16 a 20 annos, que entenda de venda, ou refinação, e dê fiador a sua conducta: na rua Direita, deposito de assucar, n. 78.

--- Precisa-se de um rapaz portuguez que tenha pratica de venda: em Fóra-de-Portas, rua do Pilar, n. 86, ou na rua do Queimado, n. 2.

-- Precisa-se alugar um feitor para um sitio perto da praça: na rua Nova, n. 14.

-- Amanhãa, 14 do corrente, á porta do Sr. doutor juiz do civel da segunda vara, se ha de arrematar, por ser a ultima praça, uma casa de campo, sita no lugar do Caldeireiro, penhorada ao coronel Francisco Jacinto Pereira, por execução dos negociantes Mc. Calmont & Companhia.

O TRIBUNO N. 1

está a venda ao meio-dia, na praça da Independencia, ns. 6 e 8, á 40 rs. cada exemplar. Defensor do povo e de seus direitos innalienaveis, contém este numero artigos dignos da séria attenção de todos os que amam a este Pernambuco e a liberdade. O *Tribuno* he cosmopolita, defende a liberdade de todos os povos que habitam o mundo conhecido.

--- José Lucio Monteiro da Franca faz ver a essas pessoas, que tanto se interessam saber da sua naturalidade, que podem satisfazer essa curiosidade, recorrendo ao livro do baptisterio da freguezia do Santissimo Sacramento de Santo-Antonio desta cidade, do anno de 1820; e emquanto a de seus irmãos, podem tambem recorrer á mesma freguezia aos baptisterios do anno de 1822, e a de San-Frei-Pedro-Gonçalves, no anno de 1817 e 1819. Declara mais, que he falso que elle tenha dito ser natural da Parahiba; o que, porém, disse a alguem em resposta a uma pergunta curiosa, foi que seus parantes por parte materna são naturaes da Parahiba, pois que sua fallecida mãi he filha legitima do fallecido doutor Manoel José Monteiro da Franca, natural daquella cidade. Protesta a tal respeito não dar mais cavaco; pois, se alguem se interessa por semelhantes ninharias, occupe nisso o seu tempo, que o annunciante tem mais em que se occupar.

--- Arrenda-se ou vende-se uma fazenda com uma legoa quadrada de extensão, sita na freguezia do Bom-Jardim, comarca do Limoeiro, com uma grande safra, no campo, de algodão, feijão, milho, semente de carrapato e roça: quem pretender dirija-se ao escriptorio de F. A. de Oliveira, na rua da Aurora, n. 26.

-- Um interessado na casa de Frecheira, da freguezia da Escada, comarca da cidade da Victoria, declara que se vai proceder á divisão dos bens pertencentes a mesma casa, amigavel, ou judicialmente, e por isso avisa a todas as pessoas que tiverem transacções, dependencias, ou outros quaesquer negocios com a dita casa, que ficarão de nenhum effeito todos os actos posteriores a esta declaração, visto que o annunciante não presta a sua assignatura a nenhum desses actos, protestando desde já revendicar todos aquelles bens que forem, ou tiverem sido allienados da dita casa, pois que nenhum herdeiro podia nem póde dispôr delles sem que se faça a divisão de que se vai tratar.

AOS CAIXEIROS DESARRUMADOS.

Na rua da Cadeia do Recife havia um certo caixeiro, que hoje he patrão, e que censurava muito o Cascão por tratar os caixeiros mal; porém o meu amigo hoje ficou em lugar do dito Cascão, e só a paciencia do caixeiro que lá existe, he que o tem aturado: por isso se roga a todos os rapazes que estão desarrumados de procurarem o tal individuo, pois breve ficarão lugares vagos, assim como teem ficaôo por varias vezes.

-- Manoel de Medeiros Dortas faz sciente ao respeitavel publico, que pessoa alguma compre a D. Lourença Mamede Lins a escrava de nome Luiza, que he propriedade do mesmo, comprada com ciza paga desde o anno de 1842, a qual escrava tem estado em casa da dita Senhora occulta, e por algumas vezes que tem sido corrida a casa, tem-se podido evadir a mencionada escrava, e agora teve por noticia que foi mandada vender por um Portuguez, de nome Benevides, para Panellas-de-Miranda: e por isso o abaixo assignado protesta por qualquer venda feita pelo dito Benevides, ou qualquer outra pessoa, sem que seja pelo abaixo assignado, procurando todos os meios que a lei lhe concede. — Recife, 12 de agosto de 1847. — *Manoel de Medeiros Dortas.*

-- Precisa-se fallar aos Srs. Luiz de França e Mello Junior, Elias Marinho Falcão de Albuquerque Marangão e Paulino Ferreira Nunes, a negocio de seus interesses: no largo do Carmo, venda 1.

Fabrica de machinas e fundição de ferro na rua do Brum, no Recife.

Mc Callum & Companhia, engenheiros machinistas e fundidores de ferro, mui respeitosamente annunciam aos Srs. proprietarios de engenhos, fazendeiros, negociantes, fabricantes, e ao respeitavel publico, que o seu estabelecimento de ferro, movido por machina de vapor, se acha em effectivo exercicio, e completamente montado com apparelhos de primeira qualidade para a perfeita confecção das maiores peças de machinismo.

Habilitados para emprehender quaesquer obras da sua arte, Mc Callum & Companhia desejam mais particularmente chamar a attenção publica para as seguintes, por serem ellas da maior extracção nesta provincia, as quaes construidas na sua fabrica podem competir com as fabricadas em paiz estrangeiro, tanto em preço como na qualidade das materias drimas e mão d'obra, a saber:

Machinas de vapor.
Moendas de cannas para engenhos movidas a vapor, por agoa, ou animaes.
Rodas d'agoa e serrarias.
Manejos independentes para cavallos.
Rodas dentadas.
Aguilhões, bronzes e chumaceiras.
Cavilhões e parafusos de todos os tamanhos.
Taixas, crivos e boccas de fornalha.
Moinhos de mandioca, movidos a mão ou por animaes, e prensas para a dita.
Fogões e fornos para cozinha.
Canos de ferro, torneiras de ferro e bronze.
Bombas para cacimbas e de repuxo.
Guindastes, guinchos e macacos.
Prensas hydraulicas e de parafuso.
Ferragens para navios, carros, obras publicas, etc.
Columnas, varandas e grades.
Prensas de copiar cartas e de sellar.
Camas de ferro, etc.

Além da perfeição das suas obras, Mc Callum & Companhia garantem a mais exacta conformidade com os moldes e desenhos remettidos pelos Srs. que se dignarem de fazer-lhes encommendas; aproveitando a occasião para agradecer aos seus benevolos amigos e freguezes a preferencia, com que teem sido por elles honrados, e assegurar-lhes que não pouparão esforços nem diligencias para continuarem a merecer a sua confiança.

--- Precisa-se de uma mulher já de idade, para fazer companhia a uma senhora casada, e mesmo ajudar a fazer alguns serviços, sabendo cozer e cozinhar, dando-se-lhe o sustento e casa para morar, e algum vestuario quando precisar, e que seja pessoa capaz, dando para isso conhecimento da sua conducta. Quem estiver nestas circumstancias e queira subjeitar-se, dirija-se a rua da Cruz no Recife, sobrado n. 7, terceiro andar, que achará com quem tratar.

— Achou-se, no dia 8 de julho proximo passado, uma canôa de carreira, indo por agoa abaixo. Quem fôr seu dono dirija-se a Fóra-de-Portas, rua do Pilar, n. 101, que, pagando as despezas feitas, se lhe entregará.

-- A pessoa, que annunciou pelo *Diario*, ns. 178 e 179, querer permutar uma formidavel propriedade nesta praça por um sitio, querendo um muito perto da praça, com todas as proporções que exige, dirija-se ao Aterro-da-Boa-Vista, n. 21.

— Machado & Pinheiro mudaram a sua residencia, da rua da Cruz, n. 23, para a rua da Cadeia do Recife, n. 37.

--- A pessoa, que quizer dar 300,000 rs. por hypotheca em uma boa morada de casa terrea, annuncie por esta folha, para ser procurada.

---Furtaram, no dia quarta-feira da semana passada, da casa de Faustina Luiza de França, na travessa que vai da Casa-Forte para o Poço-da-Panella, as obras de ouro seguintes: 2 voltas de trancelim com uma medalha, um par de brincos de ouro com flores, um alfenete de senhora, quatro anneis, tendo dous diamantes, dous pares de botões pequenos, um botão de abertura, duas argolinhas lisas e mais algumas cousas miudas, e um dedal de prata: quem descobrir, participe na referida casa que será recompensado.

---Precisa-se de um rapaz portuguez para caixeiro de venda, que tenha pratica e dê pessoa que abone sua conducta: na rua do Livramento, n. 38, venda junto ao lampeão.

-- Precisa-se de um homem forro para o serviço de padaria, que entenda de masseira, e tenha algumas freguezias de vender pão para a Boa-Vista, para ir com um preto que tambem tem alguns freguezes, e dê fiador a sua conducta: paga-se-lhe bom ordenado e da-se-lhe o sustento: na rua larga do Rozario, padaria n. 48.

--Permuta-se, por um sitio perto desta praça, que tenha terreno sufficiente para pequena criação e plantação de cannas, casa de vivenda, uma formidavel propriedade nesta praça, que rende 44,000 rs. mensaes, em chãos proprios, livre e desembaraçada: a pessoa deste negocio prefere o campo, por não gozar saúde a sua familia. Quem este negocio quizer fazer annuncie.

-- Aluga-se um primeiro andar, por 10,000 rs. mensaes, sito na travessa da Madre-de-Deos, n. 5: a tratar na praça da Independencia, n. 13.

Compras.

-- Compra-se um candieiro de meio de sala, de uma só luz, ou mesmo a armação: na rua estreita do Rozario, venda n. 47.

-- Continúa-se a comprar ferro fundido, cobre e bronze velho: na rua do Brum, n. 8.

-- Compram-se 2 escravas de 20 a 30 annos: na rua da Florentina, n. 7.

-- Compra-se uma fazenda de gado, sendo em bom sertão: no becco do Sarapatel, sobrado n. 16.

--- Compra-se uma escrava moça de boa figura, que saiba cozinhar e lavar, e não tenha vicio: agradando paga-se bem: na Boa-Vista, rua Velha, n. 18. Quem a tiver, deve apparecer das 11 horas da manhãa ás 3 da tarde.

Vendas.

LOTERIA DO RIO-DE-JANEIRO.

Na loja de cambio, n. 38, de Manoel Gomes, existe um resto de bilhetes e meios ditos da 22.ª loteria a beneficio do theatro de San-Pedro-de-Alcantara, vindos no ultimo vapor.

-- Na botica da rua do Rangel, vendem-se os remedios seguintes, dos quaes a experiencia tem confirmado os melhores effeitos: dentifico que tem a propriedade de limpar os dentes cariados, e restituir-lhes a côr esmaltada, em muito poucos dias; o uso do dito remedio fortifica as gengivas e tira o mão cheiro da bocca, proveniente não só da carie, como do tartaro que se une ao pescoço destes orgãos; o remedio he designado pelos numeros primeiro e segundo: orchata purgativa, mui util as crianças e as pessoas de toda e qualquer idade; he composta de substancias vegetaes, não contém mercurio, nem droga alguma que possa prejudicar: remedio para curar calos, em poucos dias; dito para curar dores veneras antigas, e que teem resistido ao tratamento geralmente applicado; dito para provocar a menstruação, e accelerar a acção do utero idade de 20 annos, muito forte; um dito de 18 annos nos partos naturaes em que não se precisa das manobras scientificas da arte; dito para resolver tumores lymphaticos, vulgo glandulas; ditos para curar boubas e cravos seccos, o mais efficaz que se conhece até aqui; dito oximel de ferro, muito util nas chlorozes, vulgarmente chamadas frialdades; pós anti-biliosos de Manoel Lopes, capsulas de gelatina, contendo balsamo de cupahiba; ditas de oleo de recinos purificado; ditas de cubebas em pó fino; ditas de assafetida; ditas com pós purgantes; ditas de ruibardo da China; ditas de sulphato de quinino de 1 e 2 grãos cada capsula; algaleas; pilulas de sal de cabacinho; verniz de gomma copal, da primeira qualidade, vindo da França; remedios que curam a frialdade dentro de 40 dias, mesmo estando inchado; oleo muito bom para conservar o cabello, que, além de não deixar cahir o cabello, limpa a caspa, e cujo uso continuado faz reapparecer o cabello perdido; pilulas especificas para curar as gonorrheas chronicas, quando a lesão não passa da ureta; igualmente um xarope anti-hemorragico, applicado nos casos em que se deita sangue pela bocca. O preço de todos os remedios he mui rasoavel, e os bons resultados da sua applicação he que devem fazer sua apologia.

-- Vendem-se lenços de seda, para meninos, a 720 rs. cada um, de padrões os mais lindos possiveis; córtes de chitas finas, a 3,200 rs.; cobertores proprios para escravos, a 1,000 rs.; os melhores chapeos do Chili que ha, a 6,000 e 10,000 rs.; algodão trançado; dito mesclado azul; dito côr de café; picote de listras, a 200 rs. o covado: na rua do Queimado, n. 11 A, loja nova de R. C. Leite.

--- Vendem-se muito superiores cordas de tripa, bordões para violão e rabeca, papel pautado para musica, de todas as qualidades e por menos preço do que em outra qualquer parte. Na praça da Idependencia, n. 4.

— Na rua estreita do Rozario, n. 13, vende-se farinha de trigo de superior qualidade, em barricas e meias ditas, peneiras de arame, condeças, pilulas de familia, bichas de Hamburgo que tambem se alugam; tudo por menos preço do que em outra qualquer parte.

— Vendem-se duas arrobas e meia de muito boa cera de carnaúba; com fórmas para fazer velas de dita cera, por metade do seu valor, sendo de 6, 7, 8 e 9 em libra: na rua larga do Rozario, n. 48.

— Vende-se um escravo de 16 a 17 annos, de muito bonita figura, sem vicio algum, e com officio de sapateiro: no largo do Carmo, venda n. 1.

— Vendem-se borzeguins gaspeados para homem, a 3,000 rs; botins de Lisboa, a 3,000 rs.; meios ditos de dita, a 2,000 rs.; sapatos de lustro para senhora, a 1,600 e 2,000 rs.; borzeguins para homem, a 6 e 7,000 rs; ditos para senhora, a 3,500 e 4,000 rs.; sapatões inglezes, a 3,000 rs.; ditos de entrada baixa, a 2,600 rs.; sapatões de lustro para homem, a 4, 5 e 6,000 rs.; e outras muitas qualidades de calçados, que serão vendidos por commodo preço: na praça da Independencia, ns. 13 e 15.

Na loja n. 17, do Passeio-publico,

vendem-se peças de algodãozinho, com 22 jardas, a 1,280 rs.; dito com as mesmas jardas, sem defeito algum, a 2,000 rs. a peça.

--- Vende-se um mappa da costa do Brasil, acompanhando um caderno de explicações ao mesmo, em inglez: na rua do Queimado, loja de ferragens, n. 37 A.

Na loja nova do Passeio, n. 15,

vendem-se cassas modernas, de côres fixas e largas, a 240 rs. o covado; chitas de novos padrões e bons pannos, a 4,500 rs. a peça, e a 120 rs. o covado; além destas, ha um completo sortimento de fazendas de todas as qualidades: tudo por preço commodo.

A 1$280 rs. o covado.

Na loja de Guimarães Serafim & Companhia, confronte ao arco de S.-Antonio, n. 5, vende-se a nova princeza parisiense, de sete palmos de largura, pelo barato preço de 1,280 rs. cada um covado; um novo sortimento de chitas de côres e bons pannos, a 4,500 rs., e alem destas um completo sortimento de fazendas de todas as qualidades, e por preço commodo.

— Vendem-se caixas de chá hysson, de 6, 12 e 13 libras, em porções, ou a retalho; caixas de velas de espermacete de 5 e 6 em libra: na rua da Alfandega-Velha, n. 36, em casa de Matheus Austin & C.

Vinho de Champanha

da superior e muito acreditada marca

Cometa,

vende-se no armazem de Kalkmann & Rosenmund, na rua da Cruz, n. 10.

EM PRIMEIRA MAO',

vendem-se caixas com velas de cera do Rio-de-Janeiro e de Lisboa; e tambem brandões, bogias e tochas: na rua da Senzalla, armazem n. 110.

Na nova loja n. 17, do Passeio-publico, com frente pintada de verde,

vende-se um novo sortimento de riscados francezes de padrões modernos, escuros e muito largos, proprios para vestidos, por serem de côres fixas, a 200 rs. o covado; novas e ricas cambraias escocezas, de côres fixas, muito largas, a 320 rs o covado; uma porção de córtes de chitas escuras e de côres fixas, com 10 covados, a 1,000 rs.; chitas de ramagem para cobertas, de bonitas côres, a 180 e 200 rs. o covado; e outras muitas fazendas, de que ha grande sortimento, por mais commodo preço do que em outra qualquer parte. As amostras dão-se com penhores.

Vendem-se córtes de cambraia de seda, de novos e ricos padrões proprios para bailes; lenços de cambraia de linho, bordados, mui ricos; pannos finos e casimiras; e outras muitas fazendas de gosto: tudo por menos preço do que em outra qualquer parte: na nova loja de José Moreira Lopes & C., na rua do Queimado, casa amarella, n. 29

Por 150$000 rs.,

vende-se uma canoa de conduzir agoa, toda construida de amarello e sicupira: os pretendentes não deixarão de fazer negocio a vista do objecto e do preço acima declarado, que he o mais barato possivel: na rua da Senzalla-Nova, venda de José Pereira, se dirá quem vende.

— Vendem-se 8 escravos, sendo: pretas e pardas de 14 a 22 annos, com habilidades; pretos e pardos: na rua das Flores, n. 17.

— Na rua do Trapiche-da-Alfandega-Velha, casa n. 44, primeiro andar, escriptorio de Firmino José Felix da Rosa, vende-se retroz do Porto, sortido de todas as côres, por preço commodo; bem como chumbo de munição.

Na nova loja n. 17, com frente para o Passeio-Publico, pintada de verde,

vende-se um grande sortimento de chitas finas, de côres muito fixas e padrões agradaveis, a 100 e 120 rs. o covado, e a peça a 3,800 e 4,500 rs.; peças de algodãozinho largo, sem avaria e com 18 jardas, a 2$ rs.; lenços de cambraia para gravata, padrões ricos, a 160 rs.; duraque e alpaca côr de café, muito lustrosos, a 600 rs. o covado; e outras muitas fazendas, do que ha grande sortimento, por preço mais commodo do que em outra qualquer parte, para chamar a attenção dos freguezes.

-- No armazem do Bacelar, no largo da Alfandega, n. 3, vendem-se latas com superior bolachinha de araruta, chegadas no ultimo navio, vindo do Rio-de-Janeiro.

— Vende-se cal virgem de Lisbôa, em barris, da melhor que ha no mercado, e por preço muito rasoavel: na rua do Trapiche, n. 17.

A setecentos rs. a vara.

Na loja de Guimarães Serafim & Companhia, vende-se brim trançado, francez, bastante encorpado e de puro linho, pelo barato preço de 700 rs. a vara. Esta fazenda se torna recommendavel pela boa qualidade.

-- Vendem-se taboas de pinho de 1 a 3 palmos de largo, chegadas agora da America: atrás do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida, caixeiro do Sr. João Matheus A elles, que são poucas

Rua do Queimado, n. 10, nova loja de sirgueiro. Lima

vende uniformes militares, para todas as patentes de legião, cavallaria e infantaria da guarda nacional; galões de ouro e prata; chapéos invernizados para pagens.

-- Vendem-se 3 casinhas de taipa, no Aterro-dos-Afogados, em terras do Sr. Pavão, com seus quintaes bem plantados, tendo o terreno 60 palmos de frente e 100 de fundo: na rua do Amorim, n. 22.

— Vende-se um palanquim usado: na rua do Collegio, n. 2, loja de marceneiro.

— Vende-se uma parda de 17 annos, que ensaboa bem, e entende do arranjo de uma casa; sebo em barricas, por commodo preço: na rua da Cruz, n. 3.

—Vendem-se, no engenho Vinagre, sete bois mansos de carro, e gordos.

— Vende-se um piano muito em conta: na rua da Florentina, n. 8, das duas horas da tarde em diante.

-- Vendem-se dous lindos moleques de 18 annos, um serrador e o outro cozinheiro e official de alfaiate; um dito de 12 annos; dous pretos de 24 annos, um official de sapateiro e o outro proprio para qualquer serviço; dous pardos optimos para pagens, sendo um delles perito official de marceneiro, de 18 a 20 annos; duas pardas, uma de 22 annos, com habilidades, e a outra de 12 annos, com principios proprios para se educar; 3 pretas de 20 a 30 annos, com habilidades; duas negrinhas de 11 a 12 annos, com principios de habilidades: na rua do Collegio, n. 3, segundo andar, se dirá quem vende.

Na loja de José Manoel Monteiro Braga, na rua do Crespo, n. 16, esquina que vira para a rua das Cruzes,

vendem-se ricos córtes de cambraia de seda da ultima moda, para vestidos de senhora, padrões inteiramente mais novos que todos que teem apparecido nesta fazenda; chamalote de listras, de muito boa qualidade; e outras muitas fazendas finas.

-- Vendem-se caibros de 30 a 50 palmos de madeira de lei, e porção delles, proprios para fazer estribaria e para esteios, por preço commodo: na rua Bella, n 40.

---Vendem-se sellins inglezes superiores, de couro de porco, para montaria de senhora; ditos elasticos, de patente, para homem, os melhores que ha no mercado; loros; fitas para cilhas; estribos de casquinha; carneiras brancas, etc.: na rua da Cruz, n. 2, casa de Geo. Kenworthy & Companhia.

— Vende-se o Curso de historia da philosophia, por V. Cousin, traduzido em portuguez: na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

---Vende-se uma preta de 25 annos, de bonita figura, que sabe cozinhar, engommar e lavar de sabão e varrella, não tem vicios nem achaques: o motivo da venda se dirá ao comprador: na rua da Concordia, passando a pontezinha, direita, segunda casa terrea, se dirá quem vende.

--- Vende-se uma armação de uma venda, sita na rua da S.-Cruz, em um bom lugar, e collocada em uma casa que offerece grandes commodos para uma familia, sendo o seu aluguel muito em conta: atrás da matriz da Boa-Vista, n. 4.

Na rua da Cruz, n. 38,

acha-se a venda o superior e muito apreciado rapé princeza grosso e meio-grosso, da fabrica de Estevão de Gasse do Rio-de-Janeiro: seu preço he de 1,280 rs. a libra, em porções de 5 libras para cima.

Córtes de lanzinha, a 3$600 rs.

vendem-se superiores córtes de lanzinha, com 15 covados, para vestidos de senhora, a 3,600 rs.: na rua do Collegio, n. 1.

Vende-se bolachinha de agoa e sal, de 20 em libra, todas furadinhas, e muito boas para chá e café; bem como de leite e ovos que servem mesmo para doentes, por não terem composições oleosas; biscoutos redondos, doces e d'ovos; bolachinhas; fatias dos mesmos: tudo feito com todo asseio e das melhores farinhas que ha hoje no mercado: tambem se vai fabricar bolachina de araruta: no pateo de S.-Cruz, padaria n. 6, defronte da igreja.

Vendem-se superiores chapéos de castor, pretos e brancos, por preço muito barato: na rua do Crespo, loja n. 12, de José Joaquim da Silva Maia

REFRESCOS.

Xarope de groselhe, feito do verdadeiro summo, vindo de França, a 1000 rs. a garrafa; dito de flores de larangeira, a 1,000 rs. a garrafa; dito feito da verdadeira resina de angico, que he muito conhecido e approvado por as pessoas que padecem do peito, por ja ter feito optimos beneficios, a 1,000 rs. a garrafa; ditos de maracujá, tamarindos, limão e laranja, a 500 rs. a garrafa: no Aterro-da-Boa-Vista, fabrica de licores, n 17.

IMPERIAL FABRICA DE RAPE' FINO NACIONAL ANDARAHY

A grande extracção que tem tido este rapé, depois que foi exposto a venda, he prova incontestavel do bom acolhimento que tem merecido. O unico deposito he na rua do Trapiche, n. 34, e a retalho vende-se nas lojas dos Srs. J. J. de Carvalho Moraes, A. F. Pinto & Irmão, A. B. Vaz de Carvalho, Cunha & Amorim, Pontes & Sampaio, na rua da Cadeia do Recife; A. D. de Oliveira Rego, na rua da Madre-de-Deos; Campos & Almeida, na rua do Queimado; T. A. Fonseca, Umbelino Maximin, de Carvalho, na rua do Cabugá; C. G. Breckemfeldo praça da Independencia; Caetano L. Ferreira, Thomaz P. M. Estima, e Antonio Pereira da Costa e Gama, Aterro-da-Boa-Vista.

— Vende-se carne de vacca salgada, em barris: na rua do Trapiche, n. 8.

— Na rua da Senzalla-Nova, n. 30, (padaria) vendem-se juncos de superior qualidade, em porção e a retalho, e por menos do que em outra qualquer parte

--- Vendem-se quatro mastros de pinho: na rua do Trapiche, n. 8.

--Vende-se chá preto muito superior, em caixas de 16 libras, proprio para familia: na rua do Trapiche, n. 8.

— Vende-se um preto de 22 annos, muito reforçado; uma preta da mesma idade, que cozinha, engomma muito bem, cose alguma cousa, vende na rua, e não tem vicios; um cabra perfeito cozinheiro, e que he optimo pagem; um mulatinho de 8 annos, muito lindo: na rua de Vigario, n. 24, se dirá quem vende.

--- Vendem-se dous fortes-pianos novos, com boas vozes e de excellente obra, chegados ultimamente: na rua da Cruz, n. 55.

— Vende-se vinho de Champanha, de superior qualidade, em cestos; charutos de Havana; conservas em latas; colla clara, muito propria para pintor: na rua da Cruz, n. 55.

— Vende-se um balcão para venda, em bom uso; dous canteiros bem reforçados, para pipas: na rua estreita do Rozario, venda n. 47.

-- Vende-se uma venda com poucos fundos, ou a vontade do comprador; faz-se todo o negocio, em rasão do dono ter outra occupação: na rua da Concordia, n. 26.

— Vende-se potassa branca e preta superior; fechaduras grandes, de broca, para porta de armazem; cal virgem de Lisbôa, em barricas grandes e pequenas; feixes de arcos de páo para barricas; pilulas de familia; sabão em caixões: tudo por preço commodo: na rua do Vigario, armazem n. 11.

-- Vende-se um torno de tornear, que ainda não deu serviço, proprio para ourives, ou para outro qualquer serviço de madeira, pela sua boa construcção: no pateo da S.-Cruz, n. 8, ao pé da botica.

— Vende-se, por precisão, um mulatinho de 11 annos, de bonita figura, proprio para pagem: na rua do Livramento, n. 21.

--- Vende-se o superior e acreditado farelo de arroz, em barricas: no armazem do Braguez, junto ao arco do Conceição.

— Vende-se uma caixa de ouro, para tabaco, com 17 oitavas: no largo do Carmo, venda n. 1.

-- Vendem-se cadeiras de pinho a polka: atrás do theatro, armazem de Joaquim Lopes de Almeida, caixeiro do Sr. João Matheus.

---Vende-se um diccionario portuguez, por Constancio; dito da academia franceza; Curso da historia da philosophia, por Cousin, em Francez; Curso de philosophia, por Damiron; Primeiro e segundo anno de mathematicas, por Besout; Lições de phrenologia, por Broussais: todos estes livros estão quasi novos, e vendem-se por muito commodo preço: na esquina do Mundo-Novo, venda do Nicoláo.

Na rua de Agoa-Verdes, n. 46,

vende-se um bonito escravo de 20 annos, de reconhecida conducta, bom pagem, e que carreia bem; um moleque de nação, de 18 annos, proprio para todo o serviço; um casal de escravos, proprios para engenho; um preto de nação, de 30 annos, bom comprador e que he muito fiel; uma bonita moleca de 12 annos; duas escravas para todo o serviço; uma dita de nação, excellente doceira e com mais outras prendas; tres moradas de casas nos Afogados, na principal rua, bem construidas, e que rende cada uma 6,000 rs. mensaes; uma dita em Olinda, no Varadouro, com bons commodos, e magnifico quintal.

-- Vende-se um banheiro de folha dobrada, pintado e com carro; tem 7 palmos de comprimento, 3 e meio de largura, e 2 e meio de altura: em Fóra-de-Portas, rua do Pilar, casa terrea, n. 30.

-- Vende-se cera de carnaúba; dita amarella, em porção e a retalho: na rua da Cadeia-Velha, n. 2, venda de José Gonçalves da Fonte.

-- Vende-se um preto e uma preta, ambos já de idade e de nação: o preto he ganhador de rua, e a preta he quitandeira: na rua do Rozario da Boa-Vista, n. 2.

-- Vende-se uma mulatinha recolhida, de 18 annos, com habilidades: na rua estreita do Rozario, n. 31, primeiro andar.

Livro medico.

Chegou o VADE-MECUM

do medico pratico, publicado recentemente em Paris pelos doutores Moure e Martins, comprehendendo a therapeutica especial; a pharmaceutica, e a pharmacologia, 1 v. de mais de 600 paginas. Nada diremos sobre o merito e prestimo deste livro medico, do qual difficilmente pôde conseguir-se em Paris os poucos exemplares que estão á venda na livraria da esquina do Collegio. Espera-se todavia que os Srs. facultativos e pharmaceuticos, para cujo uso elle foi particularmente destinado (sem exclusão, porém, de outras pessoas) acharão nelle uma acquisição preciosa.

Admiravel navalha de aço da China.

Tem a vantagem de cortar o cabello sem offença da pelle, deixando a cara parecendo estar na sua brilhante mocidade.

Este aço vem exclusivamente da China, e só nelle trabalham dous dos melhores e mais abalisados cuteleiros da nunca excedida e rica cidade de Pekim, capital do imperio chim.

AUTOR SHAW.

N. B. He recommendado o uso destas navalhas maravilhosas por todas as sociedades das sciencias medico-cirurgicas, tanto da Europa como d'America, Asia e Africa, não só para prevenir as molestias da cutis, mas tambem como um meio COSMETICO.

Da-se a contento, e responde-se pela sua boa qualidade: pois só se vendem as verdadeiras, na rua larga do Rozario, n. 24.

Casimiras elasticas a 1$ rs. o covado.

Vendem-se supeiores casimiras elasticas, pelo barato preço de 1,000 rs., o covado; ditas francezas, superiores e de bonitos padrões, a 5,000 rs. o córte; dita preta muito fina, a 3,500 rs. o covado; panno preto de boa qualidade, para pannos de pretas, a 3,000 rs; superiores brins trançados brancos e de puro linho, pelo barato preço de 1,000, 1,280 e 1,600 rs. a vara; ditos amarellos, de puro linho e muito finos, a 900 e 1,000 rs. a vara; ditos de listras de côres a 880 rs. a vara; riscadinhos trançados, proprios para meninos, a 240 rs. o covado; a bem acreditada fazenda chadrez de linho, para jaquetas, a 400 rs. o covado; zuarte de vara de largura, a 240 rs. o covado, fazenda muito propria para pretos; algodões trançados azues, de listras e mesclados, a 220 e 240 rs. o covado; superiores peças de bretanha de puro linho, muito fina e com 6 varas e meia, a 5,500 e 6,500 rs.; macedonia mesclada para calças, a 440 e 500 rs. o covado; chitas escuras, finas e de côres fixas, a 5,000 rs. a peça; ditas francezas, de vara de largura, a 280 rs. o covado; meios chales de cambraia de quadros, a 440 rs.; hamburgo de linho, a 260 rs. a vara; brim trançado, pardo e do linho, a 640 rs. a vara; meias para senhora, a 240 rs. o par; córtes de cambraia lisa, com 6 varas e meia, muito fina, a 5,000 rs.; e outras muitas fazendas, por preço muito barato: na rua do Collegio, loja n. 1.

--- Vende-se por pouco dinheiro (por querer acabar-se uma porção de rôlas de Hamburgo, todas juntas, ou separadas, entre ellas algumas mestiças e todas mui boas criadeiras; assim como algumas gaiolas grandes e novas, para as mesmas. Na travessa do Veras, sobrado n. 13.

Escravos Fugidos.

—Fugio de bordo do patacho *Pelicano* um escravo de nome Roque, de San-Thomé, estatura baixa, rosto redondo e sem barba, com feridas nas pernas, vestido com camisa e calça azul e barrete inglez. Este escravo pertence a João José Pereira do Azeira, do Rio-de-Janeiro. Quem o apprehender, queira leva-lo á rua da Cruz n. 66, casa de Gaudino Agostinho de Barros, por quem será recompensado.

PERN.: NA TYP. DE M. F. DE FARIA.- 1847.